

Audazes Indígenas

UMA COLEÇÃO DE FIGURINHAS
DE PERSONALIDADES INDÍGENAS
DO BRASIL



Para defender a liberdade de
ser, vale qualquer sacrifício

Carta ao leitor

Este álbum foi produzido no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em Rio Grande/RS. É com muita alegria que apresento o “Audazes Indígenas”, um álbum de figurinhas que reúne histórias inspiradoras de personalidades indígenas que ajudaram — e ainda ajudam — a construir a nossa história.

Ao folhear estas páginas, você vai encontrar biografias pesquisadas com cuidado e respeito, pensadas para trazer à tona aspectos pouco conhecidos da vida dessas figuras tão importantes. Cada figurinha destaca um momento marcante, uma conquista ou uma contribuição significativa, abrindo caminho para conhecer melhor a diversidade cultural e a riqueza dos povos indígenas.

Mais do que apresentar essas trajetórias, a proposta aqui é também questionar estereótipos e preconceitos, convidando o leitor a reconhecer o papel fundamental dos povos indígenas na formação da nossa identidade cultural. Este álbum não é só uma coleção de figurinhas: é uma forma de dar visibilidade a histórias que por muito tempo foram deixadas de lado.

Agradeço a todas as pessoas envolvidas na pesquisa e na construção deste trabalho e, principalmente, às comunidades indígenas, que são a base de tudo que está aqui. Que este álbum contribua para um olhar mais atento, respeitoso e interessado sobre a herança indígena — tão presente no nosso passado, no nosso presente e no nosso futuro.



O QUE EU SEI DOS POVOS INDÍGENAS

Cada página é um convite para conhecer e valorizar a força, a sabedoria e a diversidade presentes nas experiências indígenas. A ideia é que este álbum não seja só um conjunto de imagens, mas também uma forma de ampliar o olhar, um espaço para reconhecer e celebrar histórias que merecem ser conhecidas.

Esse espaço é destinado para reflexões, desenhos e palavras que você relaciona com os indígenas brasileiros. Quando falamos dos povos indígenas, o que lhe vem a mente?

O Brasil de PINDORAMA

A história do que hoje chamamos Brasil inicia-se há milhares de anos segundo os nativos brasileiros. Os povos indígenas em sua diversidade, hoje reconhecidos como Guarani, Tupinambá, Xavante, Kaingang, Kamayurá, Yanomami, Kadiweu, Txukarramãe, Krahô, Kalapalo e Yawalapiti, são povos que possuem uma árvore em comum: Tupy, Aruak, Karib e Jê.

No entanto, no princípio o que chamamos de povos nativos eram denominados, pelos tupis como filhos da terra, filhos do sol e filhos da lua.

Em um passado remoto os povos da tradição da lua e do sol eram um só, e foram ensinados pelos anciões da raça vermelha o Avyu Rapyta, que são os fundamentos do ser, avyu pode ser traduzido também como 'palavra habitada'.

Já os filhos da terra, também chamados pelos tupis de tapuias, desenvolveram a tradição do sonho após o grande dilúvio, que segundo a cosmologia indígena marca o encerramento do ciclo de tupã.

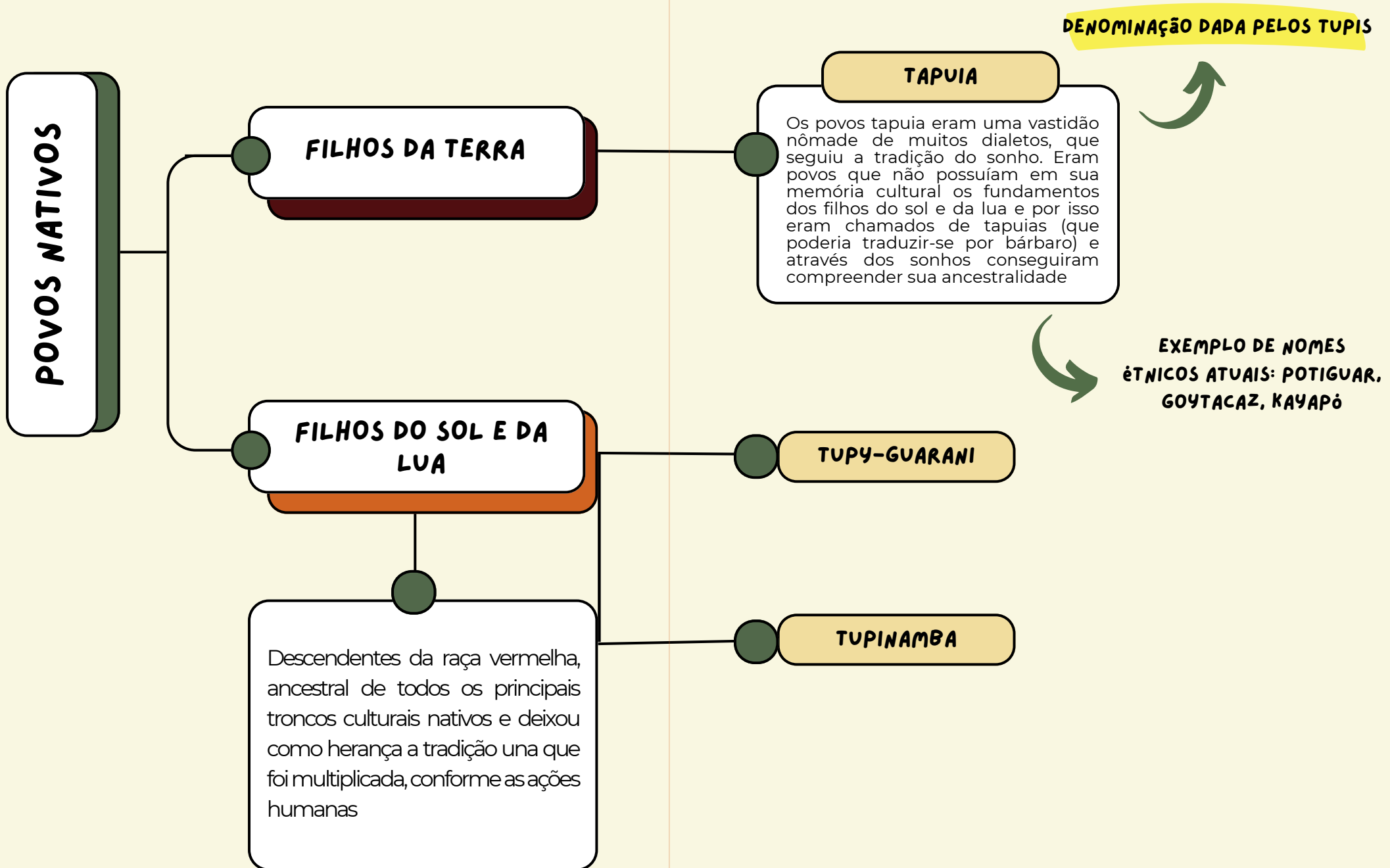
O ciclo de Tupã é a ancestralidade indígena a forma como compreendem a sua história e o princípio da vida terrena, a formação do mundo. É nesse contexto que o Avyu Rapyta se dissemina entre os futuros Tupy-guaranis e Tupinambás. Grande parte das culturas, cerimônias, filosofias nativas fizeram parte do ciclo de Tupã.

De acordo com a ciência sagrada, o ciclo de Tupã, faz parte de uma das quatro estações da natureza cósmica. Em cada estação reina um dos quatro Nande Ru, divindades que comandam os quatro cantos do espaço, que, por sua vez, comandam os quatro elementos sagrados: terra, água, fogo e ar, que interagem com o crescimento e o desenvolvimento do ser humano, bem como de todo o conjunto de vidas (JECUPÉ, 2020, p. 26).

Suas histórias foram ensinadas através tradição oral que é memória cultural da educação nativa. Assim cada nação ou clã guarda na sua memória cultural a sua história e sua ancestralidade.

VOCE SABIA??

"Pindorama" é um termo de origem tupi-guarani que foi utilizado para se referir ao território que hoje conhecemos como Brasil antes da chegada dos colonizadores europeus.



O Brasil de **PINDORAMA**

Ao longo do tempo e do território vários povos habitaram o que conhecemos como Brasil. A partir dos sítios arqueológicos é possível entender como viviam e quais as condições presenciaram há milhares de anos. Alguns desses povos são:

O povo de Lagoa Santa: viviam na região de Minas Gerais entre 11 e 7 mil anos atrás, através das sepulturas constatou-se que as condições de vida não eram fáceis, muitas crianças morriam e os adultos raramente ultrapassavam os 30 anos

O povo da tradição Umbu: portadores de material lítico lascado sobre lascas, seriam os antecessores dos grupos do tronco linguístico Chaná, em especial Charruas e Minuanos, viviam nos campos da região sul, utilizavam lascas de pedra para confeccionar pequenos objetos e eram caçadores, segundo a arqueologia. Um fato interessante sobre o povo da flecha é que foram os responsáveis pela difusão das boleadeiras e o conjunto de arco e flecha. Sua presença é marcada até os dias de hoje pelo uso da cuia do mate e o hábito carnívoro.

O povo da tradição Humaitá: são conhecidos como os antecessores dos grupos Jê do Planalto Meridional, ou seja, Kaingang, Coroado, Botocudo Xokleng, também conhecidos como guerreiros do bumerangue, viviam na região sudeste, habitando a floresta e matas próximas aos rios, além da caça, coletavam moluscos fluviais e frutos silvestres.

O povo dos Sambaquis: povos que viviam dos recursos que o mar oferecia, também caçavam pequenos animais e coletavam alimentos vegetais. A alimentação era tão abundante que não era necessário o nomadismo. Dessa maneira escolhiam o lugar mais elevado e se estabeleciam por muito tempo. Eram um povo pacífico até cruzar com nômades e guerreiros em momentos remotos.

O povo da tradição Itararé: portadores de cerâmica associada aos grupos Jê meridionais, viviam na região serrana do sudeste, tinham ligações com as culturas pré-históricas do Uruguai e da Argentina, o principal alimento que consumiam parece ter sido o pinhão. Suas moradias eram escavadas no solo e cobertas por palha e se comunicavam por túneis subterrâneos.



O Brasil de **PINDORAMA**

As grandes modificações na vida indígena se deram com a implementação da agricultura, bem como da cerâmica, processo que permitiu ao homem controlar a produção de alimento, tornando-o mais independente da natureza em relação àquilo que ela oferecia, fatores que demonstram a grandiosidade dessas civilizações.



CERÂMICA MARAJOARA



ESCULTURA XAVANTE

Após a chegada dos colonizadores, a cultura tupi continuou a influenciar o cotidiano e a visão de mundo e uma herança cultural se destacava, havia dois troncos linguísticos distintos: o tupy-guarani e o tupinambá. A língua foi um importante artefato para que os estrangeiros pudessem se aprofundar no conhecimento dos nativos.

Há cerca de quinhentos anos, teve início o processo que ficou conhecido como Grandes Navegações. Impulsionados por interesses econômicos e pela busca de novas rotas comerciais, povos europeus atravessaram o oceano Atlântico e chegaram a diferentes territórios já habitados.

Entre essas terras estava Pindorama, nome utilizado por povos indígenas para se referir ao que hoje chamamos de Brasil. Aqui viviam diversas populações, com culturas, línguas e modos de vida próprios, profundamente ligados ao território.

A chegada dos europeus não foi um “descobrimento”, mas sim o início de um processo de invasão e colonização. Esse encontro foi marcado por conflitos, violência, exploração e imposição cultural. Ao longo do tempo, os povos indígenas enfrentaram a perda de terras, a disseminação de doenças e tentativas de apagamento de suas culturas.

Além disso, a colonização trouxe milhões de africanos escravizados para o território, ampliando ainda mais a complexidade e a violência desse processo histórico.

A formação da sociedade brasileira está ligada ao encontro forçado entre povos indígenas, africanos e europeus. Dessa relação surgiram novas práticas culturais, línguas e costumes, mas também profundas desigualdades que ainda hoje fazem parte da nossa realidade.

ARARIBÓIA

Cacique da Guanabara

Para compreender a história de Araribóia, é importante entender o que estava acontecendo no lugar onde ele vivia.

Araribóia habitava a região da Baía de Guanabara, hoje conhecida como Rio de Janeiro. Naquele período, os portugueses, recém-chegados, tentavam garantir o controle da região para manter as terras que haviam conquistado. Mesmo assim, não conseguiram impedir a presença de franceses no litoral, que passaram a ocupar áreas onde viviam povos indígenas, como os tupinambás.

Outros povos europeus, ao perceberem as possibilidades de comércio na região, também se interessaram por esse território e tentaram criar suas próprias colônias. Os franceses, por exemplo, fundaram a chamada França Antártica, na região do atual estado do Rio de Janeiro. Nesse cenário cheio de disputas e interesses, Araribóia aparece como uma figura importante, tendo um papel fundamental nos acontecimentos que marcaram a história da região.

Na Baía de Guanabara viviam diversos povos indígenas. Entre eles estavam os tamoios, que tinham boas relações com os franceses, e os temiminós, liderados por Araribóia. Esses dois povos eram inimigos, e os temiminós vinham sofrendo há anos com a escravização.

VOCÊ SABIA??

Araribóia
(Araib e boia traduziria-se como
cobra da tempestade)

Os portugueses, cientes da importância estratégica da Baía de Guanabara para sua presença no Novo Mundo, encontraram aliados na **Confederação dos Tamoios** guerra que resultará na expulsão dos franceses da Baía de Guanabara, e na libertação dos indígenas temiminós.



ARARIBÓIA

Araribóia foi um **mediador cultural** que usou de sua influência para ajudar outros grupos indígenas no processo de resistência ao extermínio e a escravidão.

Criou a aldeia de São Lourenço, que se tornou base de defesa da recém-fundada cidade de Niterói, que atendia aos interesses militares da colônia, e, por isso, estava localizada em um ponto estratégico da Baía de Guanabara

“Araribóia é antes de tudo um grande exemplo da capacidade dos homens nativos desta terra e se destacou pela bravura, inteligência estratégica, capacidade de negociação, honra, lealdade e coragem.” (SILVA, 2022, p 13).

Sobre sua morte desenvolveu-se nos últimos séculos muitas teorias. A última e mais aceita que refutou outras que eram consideradas até cerca de 1920 relata uma grave epidemia de doenças ocorrida naquele ano. Muitos teriam sobrevivido, mas “infelizmente outros sucumbiram, e foi do número destes Martim Afonso. E por isso El rei d. Sebastião nomeou-o cavaleiro da Ordem de Cristo

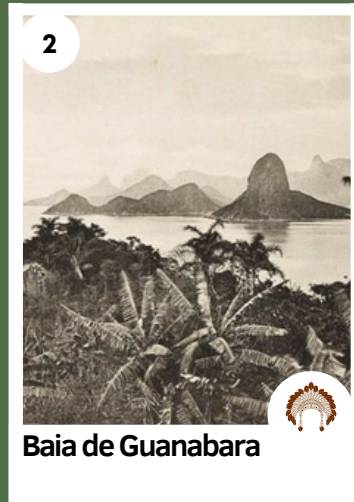
Com a miscigenação e a diminuição gradativa da aldeia, a sesmaria foi diversas vezes invadida e dividida ao longo dos anos. A aldeia de São Lourenço dos Índios será considerada extinta no ano de 1866, quando existiam ali poucas dezenas de nativos originários. Resta por ali uma única lembrança dos tempos de Araribóia: a velha igreja construída no monte em frente à aldeia, a cinquenta metros acima do nível do mar. Lugar onde as araras pousam e as cobras gostam de fazer os ninhos

01

02

03

04



Uma crise sucessória em Portugal fará com que o Rei da Espanha torne-se o líder luso, formando assim a União Ibérica. Enquanto isso, em meados do século XVII, os Países Baixos estavam envolvidos na Guerra dos Oitenta Anos contra a Espanha, e Portugal, na época, era parte integrante do império espanhol. Os holandeses, buscando enfraquecer seu inimigo e garantir o controle sobre rotas comerciais lucrativas, decidiram expandir suas atividades para as colônias portuguesas, incluindo o Brasil.

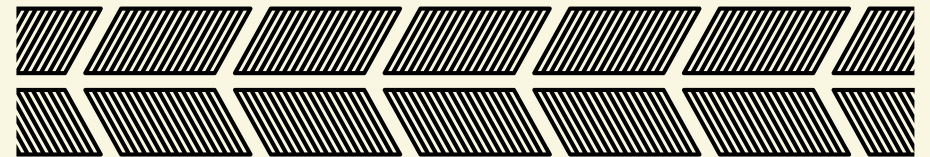
A invasão holandesa no Brasil começou em 1624, quando eles conquistaram Salvador, na Bahia. Posteriormente, em 1630, Maurício de Nassau foi nomeado governador da colônia, marcando um período de relativa estabilidade e desenvolvimento sob o domínio holandês. Nassau implementou políticas que incentivaram a produção agrícola e o comércio, contribuindo para o crescimento econômico da região.

No entanto, a ocupação holandesa não foi pacífica, e a resistência local, liderada por figuras como Felipe Camarão, desempenhou um papel crucial na expulsão dos holandeses. A população local, junto com a intervenção de Portugal, conseguiu recuperar a região.

A resistência culminou na Batalha dos Guararapes, em 1649 e 1654, onde forças luso-brasileiras conseguiram derrotar as tropas holandesas. Essa vitória foi decisiva para a expulsão definitiva dos holandeses do Brasil.



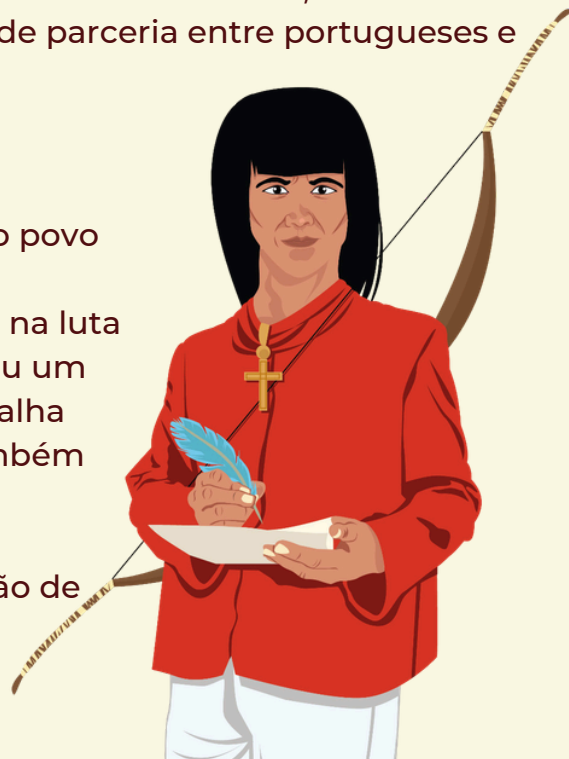
Invasão holandesa à cidade de Salvador, em 1624. Gravura colorizada de autor flamengo desconhecido. Domínio público



O líder insurreto FELIPE CAMARÃO

É neste contexto que se destaca a figura de Felipe Camarão. Indígena Potiguar de naturalidade questionada, as teorias perpassam entre a Aldeia Velha de Igapó, na atual região do Rio Grande do Norte e a aldeia de Miritiba, próxima ao atual município de Igarassu, Pernambuco. Foi catequizado e batizado por padres jesuítas recebendo o nome de Antônio Felipe Camarão, o primeiro em homenagem ao santo, o segundo ao rei Felipe II de Espanha e Portugal, e o terceiro uma tradução do termo 'Poti' como era chamado pelos indígenas. Educado por padres jesuítas, sabia ler e escrever o português e tinha uma noção do latim. Foi um mediador cultural, na tentativa de estabelecer uma relação de parceria entre portugueses e indígenas.

Mantinha ao seu lado, como esposa, Clara Camarão, uma mulher indígena também do povo Potiguar, lembrada pela sua participação como guerreira na luta contra os holandeses. Liderou um exército de mulheres na Batalha dos Guararapes, a Felipe também participou, onde nativos e portugueses se aliaram para expulsar holandeses da região de Pernambuco.



Ela e outras mulheres são conhecidas como heroínas de Tejucupapo, segundo a tradição, as principais responsáveis pela vitória diante das tropas holandesas em certa fase da guerra de restauração pernambucana. Essas guerreiras se utilizaram das trincheiras como estratégia para se esconder e surpreender seus inimigos e misturavam água com pimenta, alvejando os olhos dos inimigos. Desorientados eram abatidos pelas mulheres até sua derrota (CAMBRUZZI, s.d).



As ações de guerrilha desenvolvidas por Felipe Camarão, foram essenciais para conter os avanços estrangeiros, liderou as batalhas de São Lourenço (1636), Porto Calvo (1637) e Mata Redonda (1638), antes mesmo do início do processo de insurreição pernambucana. O conflito dividiu os potiguaras, de um lado os apoiadores dos portugueses liderados por Felipe Camarão, de outro àquelas que lutavam ao lado dos protestantes holandeses liderados por Poti e Paraopeba. Sobre essa divisão, há fontes inestimáveis para o ensino da história desse processo, cartas escritas por Camarão às outras lideranças.

As cartas que foram traduzidas recentemente pelo professor Eduardo Navarro, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), especialista em tupi antigo e em literatura do Brasil colonial, descrevem a angústia de Felipe Camarão para que seu povo abandonasse os protestantes e se voltasse ao lado dos portugueses.

Por que faço guerra com gente de nosso sangue, se vocês são os verdadeiros habitantes desta terra? Será que falta compaixão para com nossa gente? Ora, já duas vezes em luta? Os maus índios potiguaras que lutaram conosco morreram todos em Serinhaém. Todos os que ajudavam os homens maus morreram na batalha ontem, lamentavelmente. Os que lutaram com os holandeses para sua própria desonra, todos eles morreram por nossas mãos. Não pensem que se poupa a vida dos potiguaras, da nossa gente, por esses terem sido feitos chefes. Não pensem que os holandeses livram vocês de nós. Somente a vida deles é poupada. E por que, se eles são estrangeiros?" (CAMARÃO, 1645).

Além disso Felipe Camarão destacou-se por sua liderança na chamada Batalha dos Guararapes, a qual fez sua última aparição, gravando seu nome na memória popular. Sua última luta por independência também designou ao indígena poti sua fama de herói. Por seus feitos, recebeu os títulos de "Capitão Mor dos índios" , o tratamento de "Dom" e a comenda de "Cavaleiro da Ordem de Cristo", tornando-se "fidalgo".

Reconhecidos por suas ações Clara e Felipe Camarão integram o Livro "Heróis e Heroínas da Pátria", que homenageia diversos personagens que se destacaram na construção do nosso país e está impresso em chapas de aço no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, na Praça dos Três Poderes, em Brasília.

05

06

07

08

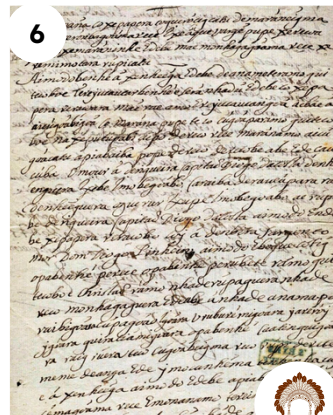
5


POTIGUARA

"comedores de cam" 

POTIGUARA


6



Carta em tupy de Felipe Camarão 

7



Batalha dos Guararapes - 1879 

8



Representação de Felipe Camarão por Victor Meirelles 

AJURICABA

Caudilho dos manaús



Com as invasões estrangeiras os modos de vidas indígenas foram afetados diretamente ao longo do território. Para melhorar a administração colonial a coroa portuguesa dividiu o território em Capitanias Hereditárias e entre elas estava a elas estava a capitania do Grão Pará e Rio Negro

Hoje chamamos aquela terra de Amazonas, banhada pelo rio negro, afluente da mãe de todos os rios, o Amazonas. Foi ali que nasceu o mais autêntico e o mais querido dos heróis populares da grande planície do Norte: Ajuricaba (aiuricaua, do nheengatu: aiuri significa reunião; caua significa marimbondos de ferroadas dolorosas). Embora tenha sido homem de carne e osso, transformou-se em figura lendária, símbolo de um povo (SOUZA, 2006, p. 11).



A região do Rio Negro era muito disputada pelos europeus, a qualidade do regime fluvial de cheias e vazantes regulares, a suavidade das colinas em suas margens e a terra fértil para plantação sempre fizeram daquele lugar uma terra atraente aos homens

Desde o princípio do processo colonizatório, regiões que tinham concentração de populações indígenas eram consideradas uma fonte de renda, no caso da região do Rio Negro não foi diferente, os Manaús, resistiram desde o princípio contra o trabalho escravo que nas últimas décadas do século XVII sob a liderança do Tuxaua Caboquena estabeleceram um tratado de não agressão, selado pelo casamento de uma moça manaú filha do tuxaua e de um português.

Quando Ajuricaba nasceu, a principal liderança de seu povo era seu pai Huibene, um homem de caráter duvidosos que mantinha boas relações com estrangeiros predadores de indígenas, que eram aqueles que desrespeitavam os acordos selados pela liderança anterior e os portugueses de não agressão. Além de estabelecer alianças com os europeus, tomando decisões desaprovadas pelo seu povo.

Com a morte de Huibene em 1722, Ajuricaba torna-se a liderança responsável. Um espírito fervecente que viu seus costumes e culturas serem desrespeitados pelo próprio pai e por aqueles almejavam suas terras. Ajuricaba que carregava desde novo os anseios de resistência, inicia uma insurreição indígena a fim de resistir as investidas portuguesas que escravizavam e matavam seu povo, para tomar o seu lar.

Entre 1722 e 1728 Ajuricaba ocupa o Rio Negro e inicia uma insurreição indígena, atacando e colocando fogo em vilas portuguesas e deixando muitas baixas para o exército. O povo manaú estabeleceu uma aliança com os holandeses, a fim de aumentar seu armamento contra os portugueses.

Em 1728 os portugueses se organizam para dar fim a revolta dos indígenas, matando não só guerreiros, mas mulheres, crianças, doentes e populações que habitavam vilarejos ao redor da região.

Além do esforço de guerra, das chacinas, das emboscadas, dos fuzilamentos, das torturas, do assassinato de líderes indígenas, os invasores trariam ainda uma série de mazelas, como a gripe, a varíola, o sarampo e as doenças venéreas, novidades que agiriam como aliadas providenciais.

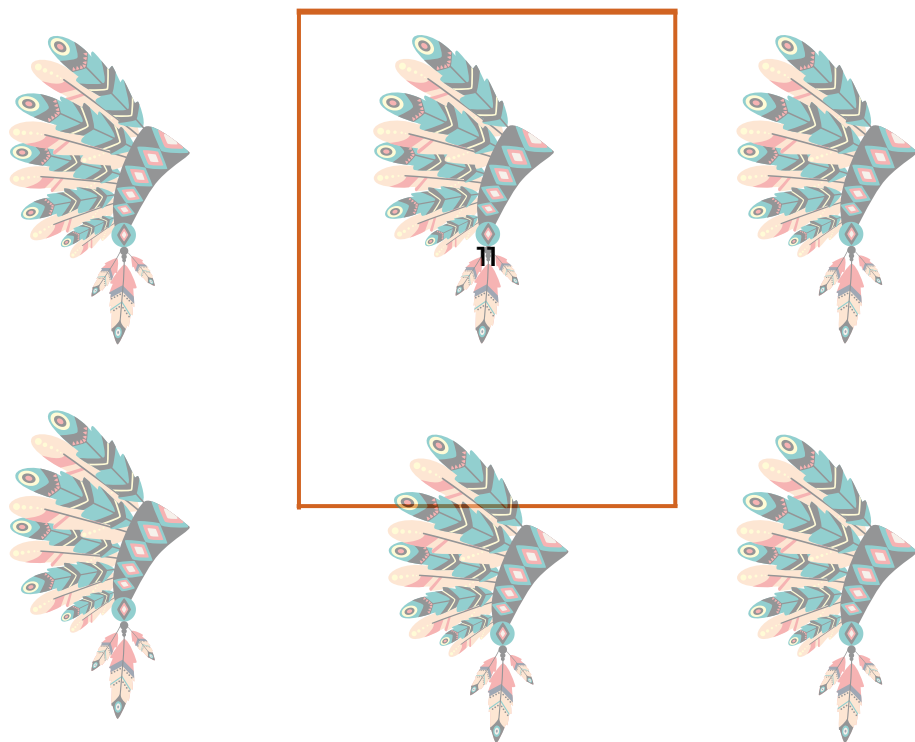
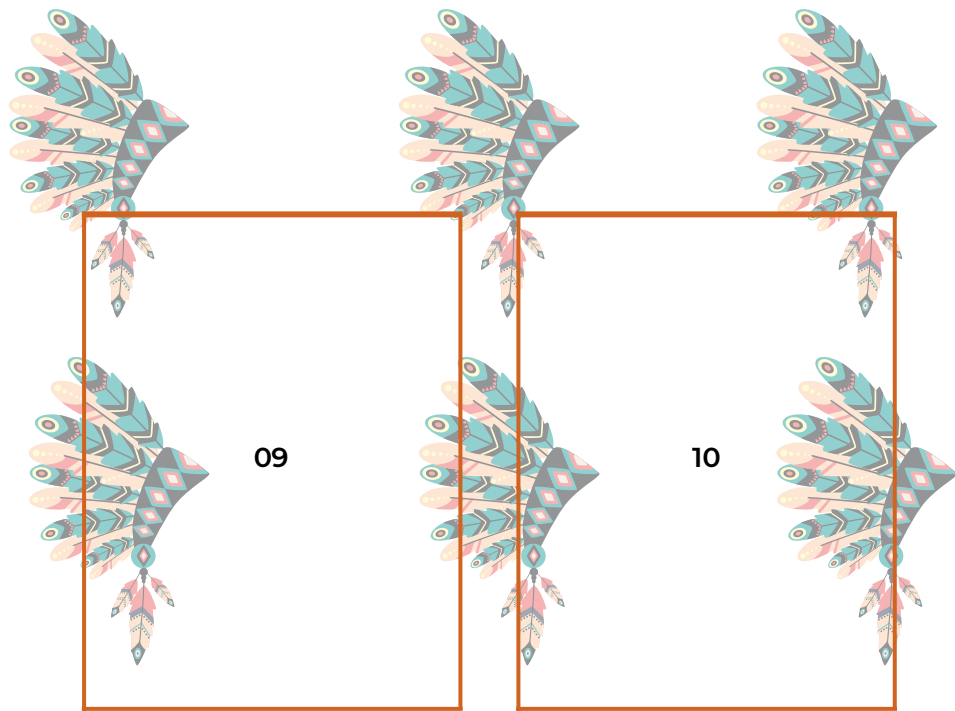
Quando a ousadia de Ajuricaba foi inteiramente reprimida, os cálculos oficiais registraram o desaparecimento de quarenta mil indígenas das mais diversas etnias, considerando ainda a completa dispersão e extinção dos próprios Manaús (SOUZA, 2006, p. 50).

Com o fim da insurreição, Ajuricaba foi aprisionado e deveria ser levado a Belém onde receberia sua punição. No entanto, incapaz de aceitar seu destino nas mãos dos portugueses, o tuxaua solta-se e joga-se no Rio Amazonas preferindo a morte.

Quando Ajuricaba estava vindo como prisioneiro para a cidade de Belém, e ainda estava navegando no rio, ele e outros homens levantaram-se na canoa onde estavam sendo conduzidos agrilhoados e tentaram matar os soldados. Estes sacaram de suas armas e feriram alguns deles e mataram outros. Então, Ajuricaba saltou da canoa para água com um outro chefe e jamais reapareceu vivo ou morto. Deixando de lado o sentimento pela perda de sua alma, ele nos fez uma grande gentileza libertando-nos dos temores de sermos obrigados a guardá-lo (SOUZA, 2006, p. 52)

No mesmo período outras etnias sofriam com os ataques de europeus, os Muhra, os mundurukus, são alguns exemplos, ao mesmo tempo que outros povos eram extintos. “Os índios sabiam que o destino que o homem branco estava preparando para eles, e os homens brancos estavam cientes da ameaça que os índios representavam para suas ambições.” (SOUZA, 2006, p. 53).

Ajuricaba é uma personalidade importantíssima para o povo manaú e para a região de Manaus pela coragem de criticar a atuação do colonialismo contra as populações indígenas, sendo um símbolo de resistência e liberdade. Na região propagou-se uma lenda que exprime que as águas do rio negro e solimões não se misturam para marcar o local onde o líder haveria se suicidado, marcando na água dos rios a força do herói para libertar seu povo.



A região do Rio Negro continuará testemunhando as lutas dos povos indígenas e a política de genocídio imposta pelos colonizadores, de modo que ao longo dos séculos diversos conflitos cercaram a região.

No mesmo contexto temporal da luta dos povos do Norte, na região Sul da América Portuguesa o cenário se repetia. Marcada pela concentração de reduções jesuítas, a região foi palco de conflitos entre espanhóis e lusitanos durante muitos anos, principalmente ao decorrer do século XVIII. Desse modo, disputas territoriais eram comuns ao longo de todo território brasileiro, não só entre indígenas e portugueses, mas também entre outros povos europeus que tentavam se estabelecer na região.



Encontro de águas -
Rio Negro e Solimões



Retrato do tuxaua
Ajuricaba



Estatua Araribóia



A fim de resolver esses embates, as duas coroas assinam o Tratado de Madrid (1750) acordo que redefine as fronteiras estabelecidas com o Tratado de Tordesilhas (1494)

Entre as determinações do Tratado de Madrid estava a troca do território das sete reduções orientais, que passariam a fazer parte do império luso, pela Colônia de Sacramento, que pertenceria aos espanhóis, tendo como suas fronteiras o rio Uruguai. As sete reduções que teriam seu território entregue aos portugueses incluíam-se em um universo de outras vinte e três, num total de trinta missões guaranis na Província Jesuítica do Paraguai (BURD, 2014, p. 1-2).

Essas sete reduções – a saber: São Borja, São Nicolau, São Luiz, São Lourenço, São Miguel, Santo Ângelo e São João – eram habitadas desde o início do século XVIII por índios guaranis, os quais, de acordo com o Tratado, deveriam se mudar com todos seus bens para a margem ocidental do rio Uruguai. (BURD, 2014, p. 2)



SEPÉ

O herói missioneiro

TIARAJU

como ficou popularmente conhecido, nasceu em 1723 em um aldeamento jesuíta dos Sete Povos das missões, seu nome de batismo cristão era José Tyarayu

Liderou diversos atos de resistência contra tropas luso-espanholas, sendo uma liderança reconhecida pelos europeus. Liderados por Sepé, os indígenas que ali viviam resistiram à tentativa de transmigração dando início a uma revolta indígena que ficará conhecida como Guerra Guaranítica. Na verdade o que ocorre, a partir de 1753, são revoltas indígenas como resposta às diversas expedições enviadas pelas coroas ibéricas a fim de forçar a delimitação das fronteiras.

Sepé foi perseguido até a morte em 1756. Segundo Golin (1999) Sepé ainda vivo foi queimado com pólvora, teve sua cabeça cortada e levada como prova de sua morte.

As demais reduções do território ameaçado também se organizaram para defender suas terras. Sepé Tiaraju assumiu a liderança da luta, demonstrando coragem e capacidade de comando. Sua certeza era de que aquela luta significava a defesa da liberdade de seu povo, a vontade de Deus. Sepé foi morto no dia 7 de fevereiro de 1756, numa das tantas batalhas daquela resistência. Nicolau Languiru, corregedor da redução de Concepción, substituiu Sepé, continuando a luta.

As tropas portuguesas e espanholas juntas, em grande número massacraram o exército guarani, na batalha de Caiboaté, no dia 10 de fevereiro de 1756. Os poucos sobreviventes e os jesuítas fugiram para a outra margem do rio Uruguai, deixando destruídas e abandonadas as sete cidades de suas reduções.

SEPÉ TIARAJU



Parte do painel Epopéia Rio-grandense, Missioneira e Farroupilha, no centro de Porto Alegre - Pintura: Danúbio Gonçalves

Sepé Tiaraju, a quem foi atribuída a frase **'Co yvy oguereco yara'** ou **'Essa Terra tem dono'** era a prova viva da habilidade dos povos indígenas de se adaptar a novas culturas sem abandonar seus costumes, contrariando a ideia de extinção imposta pelos europeus

Sepé Tiaraju ou São Sepé, teimosamente e cada vez com mais força, revive nas organizações populares e nas lutas por terra, casa, pão, emprego, saúde, educação. Revive na mente e nas ações de todos aqueles que pleiteiam um outro mundo, que acreditam em uma Terra sem Males, em uma Pátria sem Males. Que o seu martírio e a sua elevação à condição de Herói da Pátria provoque a consciência histórica das gerações atuais e futuras, capaz de lhes causar a indignação necessária para que não aceitem tornarem-se cúmplices de sociedades medíocres.

Sepé Tiaraju foi declarado "herói guarani missioneiro rio-grandense" pela Lei estadual no. 12.366, de 2006. No dia de sua morte, 7 de fevereiro, foi sancionado o Dia Nacional de Luta dos Povos Indígenas pela Lei nº. 11.696, de 12 de junho de 2008.

12

13

14

15

12

**GUA
RA
NI**

auto denominados
Avá
"pessoa"



Guarani

14



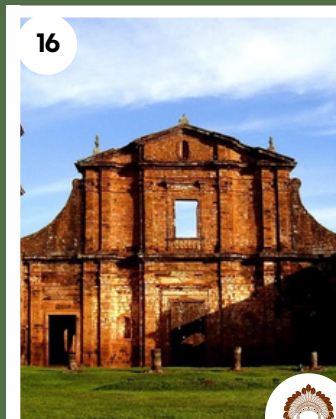
"Essa terra tem dono"

15



Estatua de Sepé
Tiaraju

16



Missões Jesuíticas

1831

Revogação das leis de 1808 e 1809 que permitiam guerra justa contra os indígenas

1835

Eclode a Cabanagem na Amazônia, principal insurreição nativista do Brasil

Os munduruku, os mawe, o Murá e grupos do rio Negro aderem aos cabanos

1839

Rendição dos cabanos. Epidemias e a atroz perseguição às tribos que com eles combatiam devastam enormes áreas da Amazônia

1840

Início do extrativismo na Amazônia que irá resultar na extinção de diversas etnias.

1850

LEI DE TERRAS

PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

1889

Rondon e apoiadores fundam o Serviço de Proteção ao Índio (SPI)

1910

Cândido Rondon inicia a construção de linhas telegráficas de Cuiabá ao Amazonas

1904

Deslocamento das fontes de expansão agrícola e mineradora para a Amazonia e Centro Oeste

1965

A comissão Rondon pacifica diversas etnias indígenas

1912-1960

1967

**EXTINTO O SPI
INSTITUIÇÃO DA FUNAI**

FUNDADA A UNIAO DAS NAÇOES INDIGENAS

1980

HISTÓRICA ELEIÇÃO DE MÁRIO JURUNA À CÂMARA FEDERAL

No fim do período colonial é possível notar uma mudança de perspectiva dos colonizadores em relação aos povos indígenas, isso porque essas populações deixam de ser relacionadas às questões de mão de obra e passam a ser atreladas à questão de terras. É possível notar essa tendência no 'Diretório dos Índios' (1755), que tinha como objetivo estabelecer ao indígena a figura de protetor da terra, transformando-o em um trabalhador ativo, à medida que colaboravam para o extermínio de sua cultura.

Ao longo do século XIX e no início do século XX, políticas integracionistas tornavam-se evidentes, o estímulo à mestiçagem era uma estratégia de apagamento das culturas indígenas e de branqueamento da população.



Distribuição de brindes aos índios Kuikuro pela equipe do Serviço de Proteção ao Índio (Foto: Divulgação/Museu do Índio)

Órgãos de proteção são criados ao longo do século XX através da política da tutela, onde o Estado conseguia desempenhar um papel mais ativo em relação as comunidades indígenas, pacificando-os.

O fim do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) no Brasil está intrinsecamente ligado a uma série de problemas estruturais e corrupção que permearam sua existência. Criado em 1910, o SPI inicialmente tinha o objetivo de integrar os povos indígenas à sociedade nacional, mas ao longo dos anos, tornou-se marcado por práticas questionáveis. O processo de extinção do SPI teve início na década de 1960, quando o órgão foi absorvido pelo recém-criado Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Esse processo, entretanto, não eliminou os problemas subjacentes. Durante décadas, o tratamento inadequado das questões indígenas e a gestão duvidosa de recursos resultaram em esquemas de corrupção, nos quais agentes públicos desviavam verbas destinadas à proteção dos povos indígenas. A exploração ilegal de terras indígenas, muitas vezes facilitada por agentes corruptos dentro do aparato estatal, agravou ainda mais as condições de vida dessas comunidades.

É nesse contexto que se destaca a figura de Mário Juruna, nascido na aldeia xavante Namakura, próxima a Barra do Garças, no estado de Mato Grosso, viveu isolado até os 17 anos.

Em 1958, violentos confrontos com colonos e fazendeiros invasores obrigaram o grupo de Juruna a buscar abrigo na Missão Salesiana de São Marcos. Entre os anos de 1964 e 1969, Juruna viajou pela fronteira central do Brasil trabalhando como roceiro e piloto de barco, e visitou vários grupos indígenas da região central brasileira, testemunhando a corrupção da agência indígena estatal e uma poderosa agroindústria que rapidamente invadia os territórios indígenas. As experiências vivenciadas e o testemunho ocular da exploração de seu povo em São Marcos foram essenciais para o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação ao tratamento e a exploração dado pela sociedade brasileira aos povos indígenas (MOURA; GRIJÓ, 2016, p. 5).

À medida que ia observando as ações do governo em relação ao seu povo, Juruna passou a estabelecer estratégias, como aprender o português, e a compreender mais sobre o funcionamento das políticas. É nesse momento que decide ir até Brasília a fim de reivindicar melhorias para o seu povo.

MÁRIO JURUNA

O PIONEIRO POLÍTICO



Na década de 1970 começou a levar a luta dos povos indígenas, em especial dos xavantes pela recuperação das suas terras, à capital do Brasil, transformando os escritórios da FUNAI no novo campo de batalha indígena

Enquanto guerreiros do povo Xavante usavam, arcos e flechas para defender suas terras, nesta “nova arena militar” Juruna encenou confrontos dramáticos com funcionários de alto nível do governo. (MOURA; GRIJÓ, 2016, p. 6).

A partir desse momento, percebendo que a palavra dos políticos não tinha valor, e que muitas das promessas que o faziam eram infundadas, Juruna passa a utilizar um gravador, onde as conversas que tinham com os parlamentares ficavam salvas. Assim, passa a denunciar em consenso com jornalistas as falsas promessas, e violações de direitos, ganhando visibilidade na mídia a causa pela qual lutava.

MÁRIO JURUNA

No auge da Ditadura Militar políticas de apoio aos povos indígenas foram destruídas em nome do “Milagre Econômico”. A política de integração do território conduziu uma verdadeira tragédia para os povos indígenas, como exemplo, a construção da rodovia transamazônica expulsou de suas terras povos que viviam na região, executou muitos que resistiram, e colocou em situações de violência sexual e prostituição mulheres e meninas indígenas da região.

Juruna vinha ganhando espaço em contextos internacionais, para onde foi convidado algumas vezes a levar as denúncias dos tratamentos do Estado em relação aos povos indígenas. Apesar de muitas vezes ter sido sabotado, o indígena xavante amplificou sua voz através da política, e dessa forma se candidatou como deputado nas primeiras eleições democráticas ao cargo desde 1964.

“Mesmo sendo coagido pelos adversários políticos, ele ganhou as eleições de novembro de 1982 com 31.904 votos. Foram eleições expressivas porque, pela primeira vez desde 1964, os eleitores tiveram a oportunidade de votar em candidatos de todos os níveis, exceto para presidente e os resultados expressaram em grandes números a oposição ao regime militar.” (MOURA; GRIJÓ, 2016, p.10)

Mário Juruna foi o primeiro indígena eleito para o congresso, criou a Comissão Permanente do Índio (1983), o princípio do que se tornaria a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara, sofreu muita resistência de outros parlamentares, tentando se candidatar em outras eleições sem sucesso.

Mário Juruna morreu em 2002 por complicações da diabetes. No entanto, seu legado jamais será esquecido. Apenas em 2007 a Declaração das Nações Unidas reconheceu o direito dos povos indígenas. “Afirmando que os povos indígenas são iguais a todos os demais povos e reconhecendo ao mesmo tempo o direito de todos os povos a serem diferentes, a se considerarem diferentes e a serem respeitados como tais” (pg. 3 da declaração).

17

18

19



O início do século XXI traz alguns resultados positivos, frutos da resistência dos povos indígenas, maior visibilidade a vozes antes silenciadas, mas também uma maior compreensão do que ocorre em lugares onde não conhecemos. Tragédias silenciadas, ignoradas pelo poder público, vem à tona no século da informação e são denunciadas por lideranças que vivenciam de perto o descaso do Estado com os povos indígenas no Brasil.

Em meio a essas lideranças destaca-se

SONIA GUAJAJARA



Primeira ministra dos povos indígenas

natural do Maranhão, mais precisamente da terra indígena Araribóia. Sua história de vida contém muita superação e resiliência, sendo uma mulher que saiu de casa muito cedo para estudar e iniciou sua jornada ainda na adolescência, trabalhou como doméstica em troca de moradia e foi convidada pela Funai para cursar o ensino médio na cidade de Esmeralda, em Minas Gerais.

A partir disso formou-se em Letras e Enfermagem, realizou pós graduação em Educação Especial e iniciou uma jornada com propósitos sociais e pedagógicos junto ao seu povo.

Sonia faz parte do povo Guajajara, que integra atualmente a região do Maranhão, no Nordeste do país, conhecidos também como Tenetehara.

Foram contatados há cerca de 390 anos e, desde então, a cada geração, vêm sofrendo inúmeros processos invasivos, que destroem seus valores culturais, suas características sociais e suas mitologias. Os territórios dos Tenetehara ancestrais foram tomados pela agropecuária e cercados por uma antiga política coronelista fundamentada na repressão pela violência social. (JECUPÉ, 2020, p. 116)



Em 2001, participou de uma conferência de povos que culminou em uma marcha indígena, e a partir de então não parou mais de marchar em direção à justiça social. Entendeu desde muito cedo que como mulher tinha de ser respeitada, principalmente em uma sociedade machista, e que, como indígena, precisava estar sempre alerta e atuante para colaborar com a mudança de uma condição histórica reservada aos povos indígenas: a de ter que abrir mão de seus territórios tradicionais (JECUPÉ, 2020, p. 117-118).

Contudo correu atrás do seu lugar no mundo, em uma posição evidente, de forma que candidatou-se a vice-presidência na chapa de Guilherme Boulos, no ano de 2018 e foi eleita deputada federal pelo estado de São Paulo em 2022, sendo convidada pelo presidente eleito para ser a primeira ministra dos povos indígenas no Brasil.

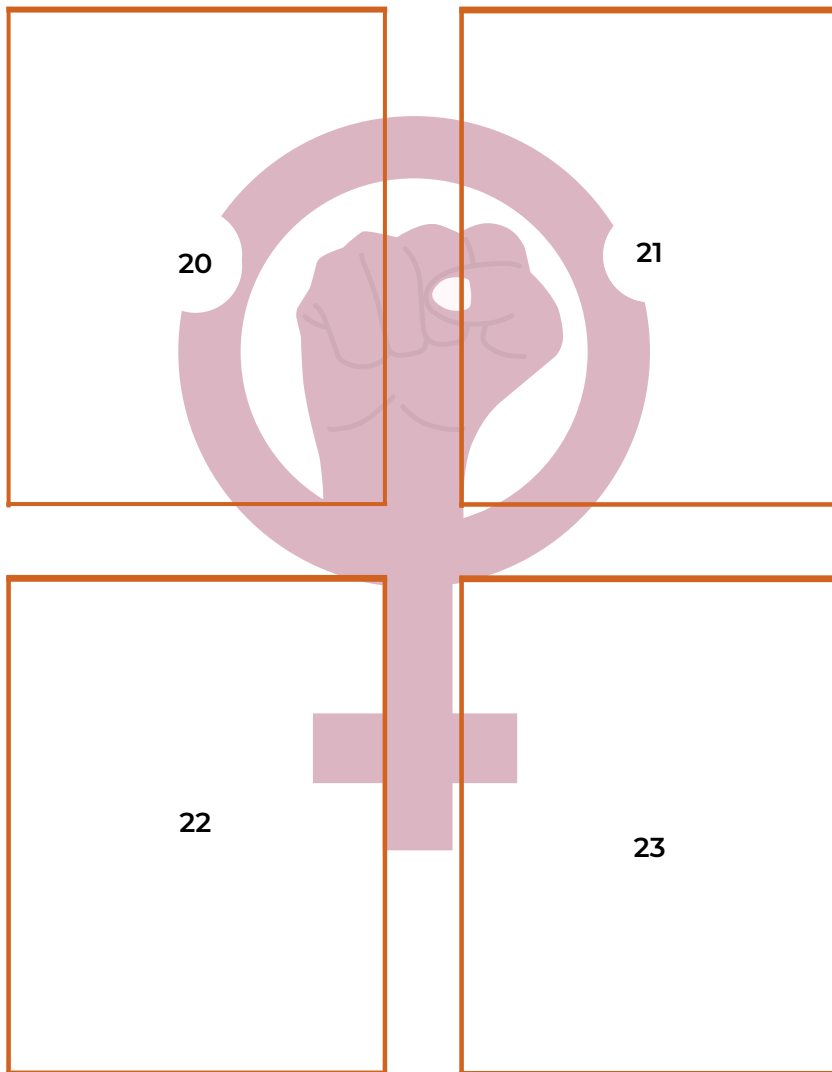
Aém disso, merece destaque por sua presença marcante em contextos predominantemente masculinos. As estruturas das organizações indígenas seguem uma lógica em que os homens tradicionalmente assumem papéis de liderança nas comunidades. Em meio à diversidade de povos indígenas, é notável a prevalência do machismo nesses espaços.

Enquanto assume o papel crucial de ministra dos povos indígenas, Sônia carrega consigo a responsabilidade de representar não apenas uma comunidade, mas uma rica diversidade de culturas, tradições e sabedorias ancestrais. Enfrentando os desafios contemporâneos com coragem e sabedoria, ela se destaca como uma líder que não apenas protege, mas também promove a herança indígena com destemor.

Que sua história continue a nos ensinar a importância da resistência, da compreensão e da coexistência. Ao encarar os desafios modernos, ela nos lembra que a verdadeira força reside na conexão com a terra, com as tradições e, acima de tudo, com a unidade entre os povos.



Sônia Guajajara, líder e ativista indígena, na Primeira Marcha das Mulheres Indígenas, em Brasília (DF). / Crédito: Katie Maehler/Flickr/@apiboficial



CURIOSIDADE

Em maio de 2022 foi eleita pela revista Time como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo.



Imagem: Sergio Lima / AFP

O maracá é um instrumento musical indígena popularmente conhecido como chocalho, que quando agitado produz um som. Em geral, esse instrumento possui tanto a função de curar ou fazer a limpeza espiritual da aldeia, nas mãos do pajé, como também a de acompanhar as cantigas, marcando o pulso.

ATIVIDADE DE CONSTRUÇÃO DE MARACÁ AO FINAL DO ÁLBUM

20

GUA JA JA RA

auto denominados
Tenetehára
"donos do cocar"



GUAJAJARA

21



Sônia Guajajara

22



**Localização da aldeia Araribóia -
local de nascimento de Sônia**

23



**AS PESSOAS
MAIS
INFLUENTES
DO MUNDO**
**SÔNIA
GUAJAJARA**
*Liderança
Indígena
do Brasil*

Nos próximos capítulos, adentraremos na atualidade dos povos indígenas, explorando dados recentes obtidos no último censo que oferecem um panorama rico e multifacetado de suas realidades. Este mergulho nos permitirá compreender não apenas os desafios enfrentados por essas comunidades, mas também as suas notáveis contribuições para a construção da identidade nacional.

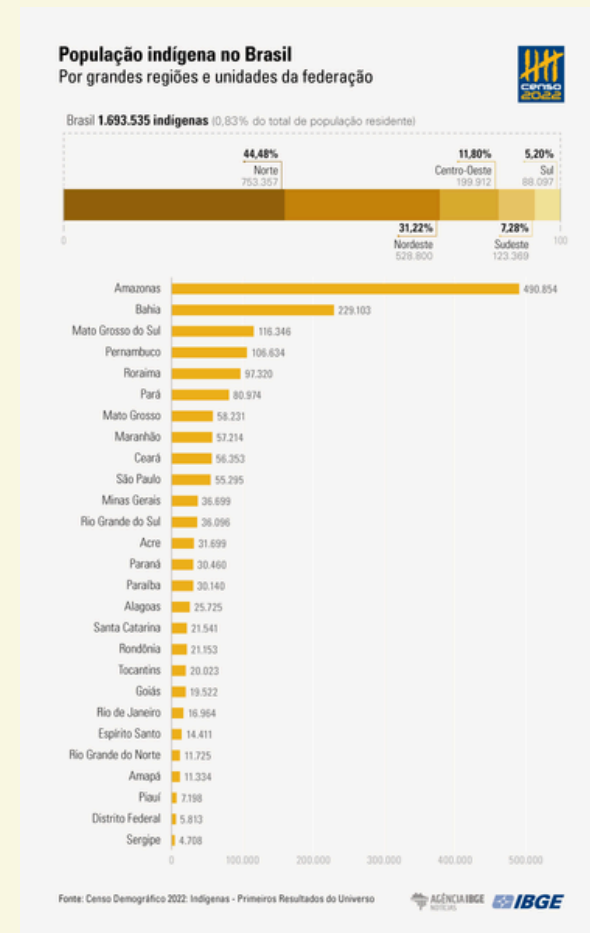
POVOS INDÍGENAS HOJE

os povos indígenas desempenham um papel crucial na diversidade cultural e na preservação do patrimônio histórico em todo o mundo. Apesar dos desafios enfrentados, como a perda de terras, a pressão sobre seus modos de vida tradicionais e a luta por direitos básicos, as comunidades indígenas têm se destacado na promoção da sustentabilidade e na defesa do meio ambiente.

No cenário político e social, os povos indígenas têm buscado ativamente o reconhecimento de seus direitos, a preservação de suas línguas e tradições, e a participação efetiva nas decisões que afetam suas comunidades. Movimentos indígenas têm emergido em diversos países, exigindo justiça social, respeito à autodeterminação e o direito à consulta prévia em projetos que impactem suas terras.

De acordo com o censo realizado no ano de 2022, a população indígena no país chegou a 1.693.535 pessoas, e um pouco mais da metade (51,2%) vivem na Amazônia Legal, formada pelos estados da região Norte, Mato Grosso e parte do Maranhão

Norte e Nordeste respondem por 75,71% dos indígenas do país



SEGUNDO DADOS DO MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS, HÁ NO BRASIL 274 LÍNGUAS INDÍGENAS DIFERENTES FALADAS POR 305 ETNIAS

Atualmente a principal pauta levantada pelos povos indígenas é a questão de terras. A luta pela delimitação e preservação de territórios ancestrais é diretamente ligada ao respeito pelos direitos fundamentais dessas comunidades, suas culturas e modos de vida.

A demarcação de terras, quando efetivamente implementada, representa um ato de justiça histórica e reconhecimento da importância vital que essas áreas têm para os povos indígenas. Esses territórios não são apenas espaços físicos, mas são entrelaçados com suas identidades, tradições e sustentabilidade.

No entanto, a luta por demarcação enfrenta obstáculos consideráveis. Interesses econômicos, exploração de recursos naturais e pressões políticas muitas vezes se chocam com os direitos territoriais indígenas. Essa tensão cria um cenário complexo, onde as comunidades indígenas frequentemente veem suas terras sendo invadidas e precisam abandonar suas casas ancestrais.

Grandes proprietários de terra e membros influentes da bancada ruralista buscam por meios legais oficializar o avanço de atividades agrícolas em regiões de maior concentração de comunidades indígenas.

Um exemplo concreto desse esforço é a promoção da tese do marco temporal, que busca estabelecer critérios específicos para reconhecer a ocupação histórica de terras indígenas

A tese do marco temporal é uma ideia jurídica que propõe que os direitos territoriais de comunidades indígenas no Brasil só seriam reconhecidos se elas estivessem ocupando suas terras na data da promulgação da Constituição Federal de 1988. Em outras palavras, ela estabelece que apenas as terras que estavam ocupadas pelos povos indígenas naquela época teriam direito à demarcação.

São mais de 500 anos de luta que se dá através das tentativas incansáveis dos grupos dominantes de apagar suas identidades culturais e usurpar suas terras. A força dessa resistência reside na preservação das tradições, línguas e práticas ancestrais, que continuam a ser os pilares da identidade indígena.



INDÍGENAS SE MANIFESTAM CONTRA O MARCO TEMPORAL EM BRASÍLIA/DF



CONTRIBUIÇÃO DOS FILHOS DA TERRA

Dos traços físicos à culinária há uma infinidade de contribuições e heranças dos povos nativos à sociedade brasileira. As influências indígenas no brasileiro estão enraizadas em seu cotidiano, junto a coletânea de informações culturais de tantos outros povos que fazem parte da história do país.

- **A questão da terra: cultivo e preservação**

Muito antes do europeu invadir a América a terra já era cultivada pelos indígenas, que são referência quando se trata do plantio sustentável. Práticas agrícolas que se adaptam às mudanças climáticas, sem desperdício e geram menos poluentes são técnicas desenvolvidas por povos indígenas ao redor do mundo, onde, segundo Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), são responsáveis pela preservação de 80% da biodiversidade mundial.



Com relação aos recursos da fauna, os nativos desenvolveram técnicas adequadas de manejo: Viver em pequenos núcleos, minimizando o impacto da exploração humana sobre peixes e demais animais da floresta; Cuidar de terras não habitadas a fim de formar reservas faunísticas; Controle de natalidade; Dispersão de comunidades, não amontoamento; Salvar espécies ameaçadas por meio de tabus alimentares e cultivo de roças ribeirinhas e demais pontos da floresta, como clareiras, a fim de atrair e alimentar a população faunística. (JECUPÉ, 2020, p 93)

• Manejo dos recursos naturais e classificação de plantas

Grande parte do conhecimento tradicional que se tem acerca do uso de plantas e produtos naturais se origina nos saberes indígenas. Comuns na medicina popular, os indígenas brasileiros utilizam-as para a sobrevivência e para garantir uma boa alimentação e cuidado com a saúde.

As principais espécies utilizadas pela humanidade na alimentação e na indústria (farmacêutica, cosmética, alimentícia) foram descobertas e domesticadas pelos índios da América. (JECUPÉ, 2020, p. 92) que encontram nas múltiplas espécies de produtos naturais soluções para enfermidades e práticas de autocuidado.

Além disso os saberes indígenas são responsáveis pela prática do desvenenamento, tornando possível o uso de plantas e alimentos como a mandioca e o uso do veneno da cobra para curar o próprio mal da cobra, sabedoria dos pajés que ficara conhecida como soro antiofídico



• Línguas e gramáticas indígenas

Segundo dados do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) há atualmente no Brasil cerca de 274 línguas indígenas faladas no território, além do português repleto de expressões originais de linguagens indígenas.

Segundo Jecupé (2020), estudiosos identificam que a nomenclatura de peixes, aves e plantas é em grande parte reconhecida com nomes tupis e que a geografia brasileira é praticamente batizada com nomes nativos.

Alguns exemplos de palavras originárias de línguas indígenas

ABACAXI, GUARANÁ, JABUTICABA,
MINGAU, CARIOCA, MANDIOCA,
MOQUECA, PAÇOCA, PIPOCA, PINDAÍBA,
PETECA, MARACANÃ, ABACATE...

DE ACORDO COM O CENSO AS LÍNGUAS INDÍGENAS MAIS FALADAS SÃO

Tikuna com 34 mil falantes, 0,017% da população brasileira;
Guarani Kaiowá com 26,5 mil falantes, 0,013% da população brasileira;
Kaingang com 22 mil falantes, 0,011% da população brasileira;
Xavante com 13,3 mil falantes, 0,007% da população brasileira;
Yanomami com 12,7 mil falantes, 0,006% da população brasileira;
Guajajara com 9,5 mil falantes, 0,0047% da população brasileira ;
Sateré-mawé com 8,9 mil falantes, 0,0047% da população brasileira ;
Terena com 8,2 mil falantes, 0,0042% da população brasileira;
Nheengatu, com 7,2 mil falantes, 0,0038% da população brasileira;
Tukano com 7,1 mil falantes, 0,0037% da população brasileira;
Kayapó com 6,2 mil falantes, 0,0032% da população brasileira;
Makuxi com 5,8 mil falantes, 0,0030% da população brasileira

• A filosofia do bem viver

Na filosofia do bem viver está a compreensão de que todas as formas de vida estão interconectadas e interdependentes. Ao contrário de uma abordagem consumista que busca a acumulação material, o bem viver valoriza a qualidade de vida, a solidariedade e a preservação ambiental. A ideia é viver em harmonia com a natureza, respeitando seus ciclos e reconhecendo-a como parte integrante da existência humana.

Ela enfatiza a importância das relações comunitárias e a reciprocidade, incentivando a cooperação em detrimento da competição. O bem viver não apenas aborda aspectos materiais, mas também espirituais e emocionais, buscando a plenitude e a felicidade coletiva.

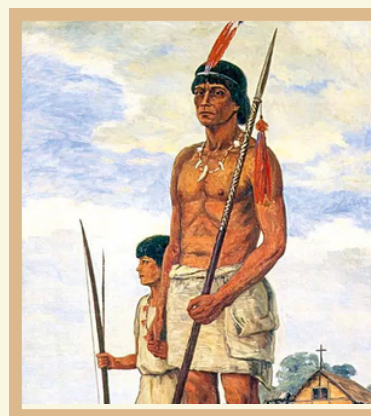
Ao adotar a filosofia do bem viver, os povos nativos buscam um modo de vida que não só preserva suas tradições, mas também oferece um modelo alternativo de convivência, equidade e respeito ao meio ambiente.

OUTRAS PERSONALIDADES INDÍGENAS IMPORTANTES EM NOSSA HISTÓRIA



Cunhambebe

(século XVI): Chefe dos Tamoios, Cunhambebe foi uma liderança indígena que desempenhou um papel importante na resistência contra os colonizadores portugueses no século XVI.



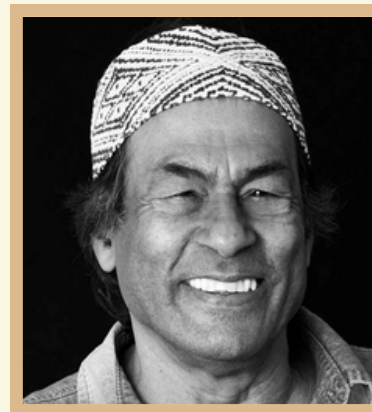
Tibiriçá Piratininga

Tibiriçá foi uma figura importante na época da colonização, trabalhando em colaboração com os jesuítas, desempenhou um papel crucial na mediação de conflitos e na promoção da paz entre os colonizadores portugueses e os povos indígenas.



Piquerobi

Piquerobi (c. 1480 — 1562) foi um líder tupiniquim que lutou para expulsar os colonizadores europeus da capitania de São Vicente. Ficou conhecido por lutar na Guerra de Iguape e na Guerra de Piratininga. Foi pai de Jaguaranho e irmão do chefe Tibiriçá.



Ailton Krenak:

Ativista e líder indígena, Ailton Krenak é reconhecido por seu papel fundamental na defesa dos direitos indígenas e na promoção da conscientização ambiental.



Galdino Jesus dos Santos

(c. 1968-1997): Pataxó Hã-Hã-Hãe, Galdino foi um importante ativista indígena que lutou pelos direitos e pelo reconhecimento das comunidades indígenas no Brasil.



Paulo Paiakan

(1953-2020): Líder Kayapó, Paulo Paiakan foi uma voz ativa na defesa da Amazônia e dos direitos indígenas, desempenhando um papel importante na resistência contra a construção da Usina de Belo Monte



Joênia Wapichana

Joênia é a primeira mulher indígena a se tornar advogada no Brasil. Ela é uma importante defensora dos direitos indígenas e foi a primeira mulher indígena eleita para a Câmara dos Deputados.



Davi Kopenawa Yanomami

Davi Kopenawa é um xamã e porta-voz do povo Yanomami. Ele desempenhou um papel crucial na luta pela demarcação de terras indígenas e na preservação da Amazônia.



Marcos Terena

Marcos Terena é um ativista e líder indígena que desempenhou um papel significativo na defesa dos direitos indígenas, incluindo a participação em conferências internacionais sobre o assunto.



Kaiulu Yawalapiti

(século XXI): Liderança xinguana, Kaiulu é uma figura ativa na preservação da cultura xinguana e no diálogo sobre a importância da biodiversidade e sustentabilidade.

Hora de praticar

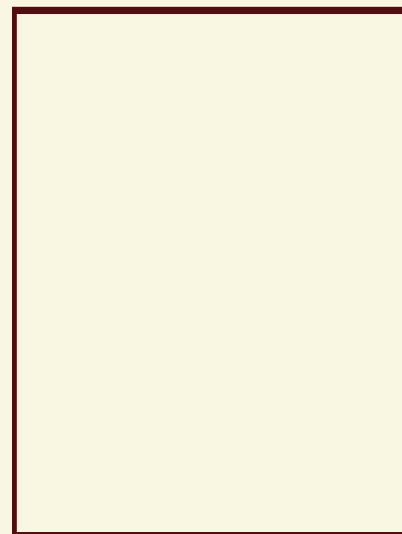
Você acaba de conhecer a vida de algumas personalidades indígenas que marcaram seu tempo e a nossa História. Mas os 6 personagens retratados nesse álbum são apenas alguns da diversidade de pessoas que deixaram histórias e lições valiosas para outras gerações.

Convido cada um de vocês a se aventurar em uma pesquisa sobre as personalidades indígenas que desempenharam papéis cruciais ao longo dos séculos.

Ao mergulharem nessas pesquisas, vocês terão a chance de descobrir líderes, guerreiros, ativistas e xamãs que moldaram a trajetória do país de maneiras incríveis e muitas vezes pouco conhecidas. Essas personalidades indígenas contribuíram não apenas para a resistência contra colonizadores, mas também para a preservação de suas culturas, a defesa do meio ambiente e a luta pelos direitos fundamentais.

Vamos embarcar nessa jornada de conhecimento e celebração das personalidades indígenas que ajudaram a moldar a nossa história.

Boa pesquisa



COLOQUE AQUI O NOME DO SEU PERSONAGEM



COLOQUE AQUI O NOME DO SEU PERSONAGEM

COLOQUE AQUI O NOME DO SEU PERSONAGEM

COLOQUE AQUI O NOME DO SEU PERSONAGEM

COLOQUE AQUI O NOME DO SEU PERSONAGEM

Construindo um maracá indígena



1. Selecione vários tipos de sementes e cabaças ou cocos ou recipientes redondos diversos.
2. Realize uma pequena perfuração nas cabaças e insira as sementes, atentando-se cuidadosamente ao som emitido por cada uma. Dessa forma, será possível selecionar a quantidade e a variedade de sementes a serem colocadas em cada cabaça de acordo com sua preferência.
3. Lembre-se de inserir um cabo no furo da cabaça e, em seguida, vedá-lo de maneira que as sementes permaneçam dentro. Uma opção viável seria utilizar durepox, conhecido por sua fixação eficaz.

E pronto, agora que você finalizou seu maracá, é hora de decorar. Se preferir você pode para realizar uma pesquisa sobre as pinturas e os grafismos presentes em diversas culturas indígenas, buscando inspiração para a decoração dos maracás.

